



## PORQUÊ?

Quantos de nós é que já não tiveram a oportunidade de ouvir esta pergunta. Pergunta que é exaustivamente repetida pela criança, que nos seus primeiros momentos de vida, do seu processo de aprendizagem, de entendimento do que é o mundo, usa como uma ferramenta base para entender e perguntar a quem sabe, numa atitude humilde e natural de aprendizagem.

Quantos de nós, em adultos, repetimos este processo? Quantos de nós temos consciência da importância desta pergunta, desta atitude de humildade, de querer saber e aceitar de quem tem mais para ensinar? Hoje em dia, a arrogância, na maior parte de nós, leva a que vejamos o mundo como algo totalmente explicado, ou que haverá alguém que o explicará por nós, que as relações humanas estão totalmente explicadas, que os conflitos estão totalmente explicados, e que por isso sabemos tudo.

Não usamos sempre o porquê, que deve ser sempre a primeira questão a estar presente no nosso dia-a-dia. Porque é que me aconteceu isto? Porque é que ele disse aquilo? Porque é que ele fez aquilo e porque é que eu reagi assim? Todos estes porquês são determinantes como processo científico, podemos dizê-lo, de estar na vida observando, questionando e ir assim gradualmente obtendo respostas. Quem já sabe tudo não precisa de respostas, e é claro que é um tolo o que vê as coisas assim, porque só os tolos é que se acham sabedores de tudo. Infelizmente não são tão poucos quanto isso. Mas é ser tolo que desejamos para nós?

Um dos principais obstáculos ao nosso processo cognitivo, é o nosso crescimento, os hábitos que desenvolvemos, o acumular de experiências, “certezas” que se adquirem e que desenvolvem visões parcelares da realidade que passamos a entender como a visão global das coisas. É frequente esta situação que se desenvolve com o passar da idade e, com maus hábitos de raciocínio que nos são “impostos”. É frequente verificar-se mais dificuldade de adaptação a novas situações com o passar da idade, sendo que mais novos, e mesmo novos, não sofrem tanto deste processo, sofrem de outros como é o caso da impulsividade.

Outro processo que contorna o uso do porquê, é aquilo que se designa por – processo de negação. São processos normalmente derivados de situações traumáticas que pretendemos esquecer, ou que mecanismos internos fizeram esquecer ao nosso consciente e que rejeitam com energia qualquer processo de interrogação, de vasculhar nas memórias, de interrogação da realidade e dos comportamentos nossos e dos outros. É mais fácil lidar com a dor quando ela não está presente.

No estudo das Artes Marciais, e daquilo que designamos por Haragei (a arte do Hara), é fundamental um processo constante de questionamento, de auto-observação, de uma análise crítica constante, que permita um aperfeiçoamento sem fim. É aquilo que em termos empresariais e de gestão, no Japão, se designa por Kaizen. Nas Artes Marciais é a capacidade de desenvolver processos que dêem resposta às situações perigosas de um conflito real e mortal com que um samurai tinha de lidar.



Saibamos usar o porquê adequadamente, sem complexos, entendendo que se tomamos aquela posição, ou se levantamos as mesmas para aquela posição, qual será o seu porquê? Saibamos que tudo na vida que se faz, mesmo que seja um simples gesto, tem consequências! Será que estamos preparados para arcar com a responsabilidade moral daquilo que fazemos e que as respostas nos trazem?

Porquê?

*Um monge perguntou ao mestre:*

*"Qual o significado de Dharma-Buddha?"*

*O mestre apontou e disse:*

*"O cipreste no jardim."*

*O monge ficou irritado, e disse:*

*"Não, não! Não use parábolas aludindo a coisas concretas! Quero uma explicação intelectual clara do termo!"*

*"Então eu não vou usar nada concreto, e serei intelectualmente claro," disse o mestre.*

*O monge esperou um pouco, e vendo que o mestre não iria continuar fez a mesma pergunta:*

*"Então? Qual o significado de Dharma-Buddha?"*

*O mestre apontou e disse:*

*"O cipreste no jardim."*

Lisboa, 22 de Julho de 2014